



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

**A SOBRECARGA DA MATERNIDADE SOLO: MÃES
QUE CAMINHAM SOZINHAS**

NATÁLIA PEREIRA SEVERINO

Campo Grande
NOVEMBRO /2022

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



A SOBRECARGA DA MATERNIDADE SOLO: MÃES QUE CAMINHAM SOZINHAS

NATÁLIA PEREIRA SEVERINO

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina Projeto Experimental II do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientador(a): Prof. Dr. Silvio Costa Pereira.

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



ATA DE AVALIAÇÃO PROJETOS EXPERIMENTAIS DO CURSO DE JORNALISMO
SEMESTRE 02/2022

Título do Trabalho: A sobrecarga da maternidade solo: mães que caminham sozinhas

Modalidade: Radiodifusão

Acadêmica: Natália Pereira Severino

Orientador: Silvio da Costa Pereira

Data: 22/11/2022

Banca examinadora:

1. Silvio da Costa Pereira
2. Tais Marina Tellaroli Fenelon
3. Júlio Carlos Bezerra

Avaliação: (x) Aprovado () Reprovado

Considerações:

Realizar as correções apontadas pela banca no Relatório.
A banca sugere que o documentário seja exibido na TV UFMS.

Assinaturas:

Orientador/a do Projeto Experimental
Representante da Comissão de Projetos Experimentais

Campo Grande, 22 de novembro de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **Daniela Cristiane Ota, Professora do Magistério Superior**, em 22/11/2022, às 16:11, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Silvio da Costa Pereira, Professor do Magisterio Superior**, em 22/11/2022, às 17:38, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3653089** e o código CRC **B455EDCC**.

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Referência: Processo nº 23104.017462/2021-36

SEI nº 3653089

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário

79070-900 - Campo Grande (MS)

Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>

<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradecer a minha família, principalmente, aos meus pais por terem me dado forças todos esses anos de graduação que não foram fáceis, eles sempre acreditaram em mim, e fizeram o possível para a conclusão da minha formação.

Ao Prof.Dr. Silvio Costa Pereira, meu orientador, que me apoiou desde o primeiro semestre de 2022 quando aceitou me orientar, e foi solícito e paciente o tempo inteiro.

A todos os meus amigos que me motivaram e sempre torceram por mim, agradecer a Deus que está do meu lado o tempo todo, e também a todas as mulheres que entrevistei para a produção deste trabalho. Obrigada por me cederem seu tempo, seus conhecimentos, pela disposição em acessar suas sensibilidades e por compartilhá-las comigo.

E, sobretudo, agradeço à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul que me mostrou a potência de uma educação pública, gratuita e de qualidade. Vou continuar sempre valorizando e defendendo o ensino público, para que continue transformando a realidade de milhões de jovens.

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



SUMÁRIO

Agradecimentos	4
Resumo	6
Introdução	7
1. Atividades desenvolvidas	9
1.1 Execução	9
1.2 Dificuldades encontradas	12
1.3 Objetivos alcançados	14
2. Suportes teóricos adotados	15
Considerações finais	21
Referências	22
Apêndice	24
Anexos	25



RESUMO:

“A sobrecarga da maternidade solo: mães que caminham sozinhas” é um documentário jornalístico audiovisual sobre a realidade de mães solo, que traz relatos fundamentados em entrevistas realizadas com quatro mães que assumem a monoparentalidade feminina em Campo Grande - MS e vivenciam as dificuldades e os desafios da sobrecarga materna, psicológica e até mesmo econômica.

PALAVRAS-CHAVE: Documentário; Maternidade Solo; Mulheres; Mães Solo; Jornalismo.



INTRODUÇÃO

O termo mãe “solo” denomina as mulheres que são responsáveis integralmente pela criação e educação dos filhos. A sobrecarga e o excesso de responsabilidades são características dessas mães que fazem o trabalho diário sozinhas, enfrentando múltiplas jornadas de trabalho, onde estar ou não em um relacionamento não quer dizer necessariamente compartilhar a difícil missão de ter um filho.

De acordo com uma pesquisa publicada em 2021, pelo Instituto de Geografia e Estatísticas do Brasil (IBGE), as mulheres ficam mais sobrecarregadas nas tarefas domésticas e no cuidado com os filhos em comparação aos homens. Neste sentido, mães solo são mulheres que exercem os cuidados dos filhos de maneira solitária, e muitas vezes, mesmo estando em um relacionamento conjugal, também exercem a maternidade de maneira solo.

Em entrevista ao jornal Oito Meia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), a pesquisadora na área de maternidade e gênero, Clarissa Carvalho, destaca a diferença entre o termo mãe solo e mãe solteira:

O termo mãe solo veio na tentativa de substituir esse termo mãe solteira. Há quem use também mãe autônoma. Esses termos de fato remetem que a mãe é a única responsável pelos cuidados dos filhos, sem ter um companheiro que divida essas tarefas e sem aludir ao estado civil dessa mãe. Até porque comumente vemos mulheres casadas que acabam sendo mães solo, cujo os companheiros não assumem funções. A mãe solo reflete unicamente ao fato de que essa mulher exerce a parentalidade sozinha, independente do estado civil dela. Assim como existem mulheres solteiras que têm seus filhos e não são mães solo, no sentido de que o pai da criança divide as funções com essa mulher. (FONTENELE, 2020)

Apesar da Constituição Federal de 1988, no capítulo 7, Art. 226, definir que “entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes, bem como a união estável entre homens e mulheres” (BRASIL, 1988, p. 128), muitas são tratadas com desigualdade social pela sociedade que cria uma maneira de subalternizar mães solo, as colocando em espaços secundários.

A escolha deste trabalho surgiu em razão da relevância que a família monoparental feminina desempenha no cenário brasileiro. Na minha família também há



mulheres que vivenciam a maternidade solo, então visto isso, surgiu a necessidade de colocar esse tema em evidência.

Para conseguir executar o principal objetivo do documentário foi necessário realizar as etapas que tinham sido estipuladas no Projeto Experimental I, entre elas, apresentar informações sobre o termo mãe “solo” e da maternidade solo no Brasil por meio de pesquisas e dados.

A fim de relatar o cenário nas quais as mães solas estão inseridas, o documentário também mostra a história de cada personagem, que mesmo apresentando suas identidades na família monoparental, cada uma delas tem uma particularidade e história de vida diferente. A narrativa audiovisual foi escolhida para mostrar os relatos de cada uma e também os dilemas do cotidiano. São quatro vozes que se conectam para contar a vivência de ser mãe solo.



1- ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

1.1 Execução:

Com o objetivo de desenvolver a narrativa, foram seguidos diversos passos para chegar ao resultado final do documentário. A etapa inicial, de pesquisa bibliográfica e documental acerca do tema, começou durante a disciplina de Projeto Experimental I em 2021, e se estendeu até a entrega da versão final do relatório. O primeiro passo foi conseguir o contato de fontes de Campo Grande - MS que estivessem inseridas nesse cenário. A ideia era falar com mães solo para entender: Em quais condições essas mulheres vivem? Quais são as dificuldades de ser mãe solo? Elas têm alguma assistência? Como é lidar com a maternidade solo? Além disso, buscava-se entender quais as políticas públicas que dão assistência a essas mulheres e como é a rotina para conciliar o trabalho com os cuidados dos filhos.

Entre julho e agosto de 2021, antes do processo de matrículas, dei início à busca de fontes para o trabalho, onde fui entrando em contatos através de amigos que me indicaram algumas mães solo. A conversa aconteceu com duas fontes, que de início aceitaram participar, mas não naquele momento. O intuito era dar início ao trabalho no segundo semestre de 2021, mas as dificuldades para encontrar fontes suficientes e o cenário pandêmico da Covid-19 dificultaram a visita presencial até mesmo para a produção das filmagens. Sendo assim, desisti de me matricular na disciplina de Projeto Experimental II para poder me matricular no primeiro semestre de 2022.

Em janeiro de 2022, o primeiro passo foi pensar em um orientador que estivesse próximo ao produto que escolhi e ao tema do trabalho. Por ser um tema sobre maternidade, queria uma orientadora mulher para trabalhar junto comigo, o que não aconteceu, porque todas as professoras que entrei em contato já estavam orientando outros alunos. Em fevereiro, próximo do início do processo de matrícula para o primeiro semestre de 2022, entrei em contato com o Professor Silvio para que ele me orientasse. Assim que ele aceitou, marcamos um encontro na universidade, para conversarmos sobre a disciplina e os processos da orientação. A partir de março de 2022, fui atrás de fontes para o trabalho. No total foram oito fontes que entrei em contato, mas apenas três



aceitaram participar, por ser um tema delicado e não quererem expor a situação por meio de filmagens.

O processo de separação das fontes durou bastante tempo, pela dificuldade de encontrar quem teria tempo disponível para participar da gravação. Deste modo, por também ter um número pequeno de fontes e por estar sobrecarregada com outras duas disciplinas que estava fazendo junto com Projeto Experimental II, desisti da disciplina para poder dar continuidade ao trabalho apenas no segundo semestre de 2022.

Retomei a seleção de fontes nas duas últimas semanas de agosto e usei o mês inteiro de setembro de 2022. Mantive contato com as três mães que já tinham aceitado participar e fui atrás de mais fontes por meio das redes sociais, onde publiquei sobre o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e procurava mães solo para poder participar. Nesse meio tempo, fiquei doente e tive que ir para Macaúbal - SP, cidade onde os meus pais moram atualmente no interior de São Paulo, para realizar uma cirurgia no dente. Fiquei 15 dias de recuperação, portanto, aproveitei o tempo que estava lá e procurei mães solo na cidade. Entrei em contato com duas fontes - Liliane e Ketelin, que no início aceitaram participar, mas por falta de tempo das duas, acabou não dando certo.

Voltei para Campo Grande - MS no dia 18 de setembro de 2022. Inicialmente, fiz diversos contatos por ligações e chamadas de vídeos para conversar com as três mães solo previamente contactadas, explicar o projeto e definir aquelas que gostariam de participar. Uma das fontes me indicou a quarta mãe solo para participar do trabalho, sendo assim, entrei em contato com ela, que aceitou participar. Em modo de preparação para o início das gravações foi elaborado um roteiro de perguntas gerais para as quatro fontes confirmadas. Após essa definição das fontes, foram vários dias de contato com elas para entender a história de cada uma.

Após o processo de seleção das fontes, deu-se início às gravações que foram feitas durante três semanas seguidas entre final de setembro e começo de outubro. O processo de gravação foi tranquilo, embora tenha sido um pouco trabalhoso conduzir a entrevista e a câmera ao mesmo tempo. No total foram quatro fontes - Ana Paula Neto, Natalie Tinocco, Beatriz Rocha e Thamilly Rios.



A Ana Paula foi a fonte que mais me conectei, e me ajudou muito também, porque através dela, consegui contato da Natallie e a Beatriz. Ela foi a segunda entrevistada, tem 33 anos, é mãe solo do João, de 6 anos. Em 2015, ela criou o Projeto Canto da Loba - um coletivo de mulheres que compartilham as dores e o apoio de ser mãe solo, o projeto atualmente está parado, mas ela tem a pretensão de voltar a movimentar. Em 2021, criou outro projeto social para ajudar mães vulneráveis economicamente. Ela nunca foi casada com o pai do filho, porém ele sempre arcou financeiramente. No documentário, ela conta sobre sua vivência como mãe solo e as dificuldades do dia a dia.

A Natallie foi a primeira que participou da gravação deste trabalho. Ela tem 38 anos, Terapeuta floral e conselheira materno infantil, mãe do Kenzo e do Code, foi casada e engravidou do primeiro filho aos 29 anos. No projeto ela conta como foi lidar com a separação quando engravidou do segundo filho, e como enfrentou os problemas da maternidade solo em seguida.

A Beatriz foi a terceira fonte entrevistada, ela tem 20 anos, é mãe do Hariel de três anos, que nasceu quando ela tinha 18 anos. Foi uma gravidez não planejada de um relacionamento rápido. O pai da criança não muito presente, ajuda com o mínimo. No projeto ela conta como foi lidar com a gravidez logo na adolescência e sobre as principais dificuldades de ser mãe solo.

A Thamilly foi a última entrevistada, foi bem difícil encontrarmos um horário para gravação, a única opção foi gravar no trabalho dela. Ela tem 24 anos e é mãe da Isadora de 4 anos, que nasceu quando tinha 21 anos. Namorou o pai da filha, mas terminaram o relacionamento quando a filha tinha apenas 8 meses, e teve que lidar com as dificuldades sozinha. O pai não ajuda financeiramente, e com isso, ela entrou na justiça para pedir pensão, porém segue sem apoio financeiro até hoje. Para conseguir cuidar da filha, ela trabalha o dia inteiro e faz freelancers à noite para conseguir uma renda extra. No documentário, ela conta como é sua rotina e relata sobre as principais dificuldades de ser mãe solo.

Com a Ana Paula e a Natalie consegui marcar um ponto de encontro e gravar no mesmo local e no mesmo dia em um apartamento fechado no qual reside a Ana Paula.



Nessa entrevista consegui auxílio de uma amiga do curso, a Gloria Maria, que foi essencial nas gravações e me ajudou conduzir as entrevistas. Já a gravação com a Beatriz foi na minha casa durante um horário livre de almoço dela, pois ela não tinha muito tempo para me atender. A Thamilly foi a última fonte, e para fazer a gravação eu fui até o local de trabalho dela, porque era o único horário que ela tinha disponível para gravar.

No mês de setembro, contratei um amigo que trabalha com softwares de edição para realizar a edição do meu trabalho.

Com as entrevistas finalizadas, dei início à decupagem e separação da minutagem para encaminhar para o editor. Essa foi a parte mais complexa e demorada da produção. Pela demora da seleção dos vídeos, o material foi enviado para a edição apenas na terceira semana de outubro, então o prazo estava bem curto, porque a entrega final estava prevista no dia 4 de novembro.

Ao longo do mês de outubro também fiz a revisão da parte teórica e comecei a desenvolver o relatório.

No dia 21 de outubro, encaminhei para o editor o roteiro e a minutagem pronta para iniciar a edição. A primeira versão do trabalho ficou pronta no dia 1 de novembro, salvei no Drive e enviei o link para o orientador conferir e avaliar como estava ficando, mas não ficou conforme o esperado e precisava de alguns ajustes, então encaminhei novamente para o editor fazer os ajustes. O prazo já estava muito apertado e a falta de comunicação com o editor atrasou ainda mais o trabalho, visto isso, dois dias antes da entrega final, o professor Silvio estendeu o prazo da entrega para o dia 14. A segunda versão ficou pronta no dia 7, que foi encaminhado novamente para outros ajustes, porque ainda não estava da forma que eu queria e tinha colocado no roteiro.

Por fim, o documentário fechou na terceira versão com 20 minutos e 46 segundos.

1.2 Dificuldades Encontradas

Gravar um documentário é desafiador. Quando escolhi o tema do meu trabalho, a expectativa era realizar as gravações na casa de cada fonte, para vivenciar a rotina delas e até para captar imagens de apoio para sustentar o trabalho, o que não aconteceu. Além



do tema ser delicado, as mães com quais mantive contato não queriam expor a sua história durante uma gravação.

As dificuldades também aconteceram após a seleção das fontes. O excesso de atividades e pouco tempo dificultaram para que eu conseguisse marcar um dia e horário em que as fontes pudessem gravar, porque a maioria delas trabalhava até tarde e quase não tinha um horário disponível, então optei por ir até o local de trabalho de uma das fontes para poder realizar a gravação.

Outra dificuldade encontrada foi em relação ao áudio e a gravação. Para realizar as gravações, utilizei o meu celular, mas a complicação maior foi achar um microfone de lapela que tivesse entrada para o meu celular, que não é universal igual à maioria dos smartphones. Depois de encontrar e comprar um microfone de lapela sem fio, na primeira gravação o encaixe do celular e tripé foi colocado errado, o que resultou em uma queda e quebra do microfone logo no início. Após isso, seguimos a primeira gravação sem o microfone. Mas o que ajudou foi que o local estava bem fechado e com pouco ruído, deixando a captação do áudio boa.

Realizei duas gravações sozinha, o que dificultou na hora de conciliar a entrevista com a gravação, por ter que ficar mexendo na posição do tripé e celular.

Por fim, a edição foi um processo complicado. A falta de familiaridade com o programa e o fato de não possuir um notebook que suportasse os softwares de edição, me levou a ter que contratar alguém para editar. A edição é trabalhosa e geralmente, o editor cobra um valor alto pelo trabalho. Sendo assim, procurei um amigo, Natan Brian, ex-acadêmico de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), que me salvou muito ao cobrar um valor amigável e aceitar editar o trabalho, mesmo com prazo curto para a entrega final. A única coisa que ele me pediu foi fazer a decupagem e a minutagem para a edição ficar menos trabalhosa, o que demorou uma semana para ser feito, deixando três semanas para entrega da edição final.

A falta de comunicação com o editor foi o que mais complicou na entrega final do trabalho, pois não estávamos conseguindo manter um diálogo para deixar o trabalho da forma que eu havia planejado e feito no roteiro, ele demorava muito para me dar um retorno e ficava pelo menos uns três, quatro dias sem me responder. Sendo assim, houve



atrasos nos prazos para encaminhar para o orientador revisar, causando um certo desconforto, porque tivemos que mudar o prazo da entrega final do trabalho e da minha banca.

1.3 Objetivos Alcançados

O objetivo principal do trabalho era desenvolver um documentário para uso jornalístico que contasse a história de mães solo por meio de relatos sobre as dificuldades e a sobrecarga materna. Ele foi cumprido, embora alguns pontos precisaram ser adaptados, e reestruturados durante o processo do trabalho. A reestruturação se deu no modelo de documentário, que de início seria executado por meio da convivência do dia a dia com as mães solo, acompanhando a rotina de cada uma das fontes, o que não deu certo, tornando-se o documentário composto por uma sequência de entrevistas.

Os objetivos específicos, que se cumpriu, foi encontrar mães solo de Campo Grande - MS, que estivessem inseridas neste cenário. Por meio de entrevistas foi possível entender a história de cada uma das fontes e compreender que cada uma delas se inserem nesta condição, mas cada uma com sua particularidade.

Por fim, as mudanças foram feitas a partir das gravações. Estava incluído nos objetivos específicos do projeto, mostrar a percepção destas mulheres através da filmagem, trazendo relatos sobre desafios e as dificuldades que enfrentam no cotidiano.

O intuito produzir um documentário com imagens de apoio da rotina e dia a dia, o que não aconteceu, justamente pela falta de tempo das fontes, que trabalhavam o dia todo e, também, pela exposição da rotina e dos filhos, onde elas não optaram por não gravar dessa forma. Sendo assim, o trabalho se manteve apenas com as imagens das entrevistadas. E, apesar dessas modificações, o documentário cumpre com a finalidade de mostrar a realidade de mães que vivenciam a maternidade solo através de seus próprios relatos, proporcionar a representação da monoparentalidade feminina e fomentar a narrativa sobre o tema.



2- SUPORTES TEÓRICOS ADOTADOS:

Maternidade não quer dizer estar em um estado civil, inclusive, a maternidade solo é um formato familiar cada vez mais comum no Brasil.

No país, há uma grande porcentagem de mulheres que não estão em uma relação conjugal, mas se definem como mães solteiras chefes de família. Segundo dados obtidos por meio da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), há aproximadamente 11 milhões de famílias no Brasil, nas quais a pessoa de referência chefe de família se define como mãe solo. Das famílias comandadas por mulheres, 56,9% vivem abaixo da linha da pobreza. Crianças que não possuem o nome do pai na certidão de nascimento, somam apenas no ano de 2021, 100 mil crianças. De acordo com Galvão (2020):

O termo “mães solteiras”, como eram conhecidas as mães solas, carrega o forte resquício da sociedade machista e patriarcal do século XX, em que a mulher – sobretudo a mulher casada – possuía seus direitos civis, sexuais e reprodutivos reduzidos e em sua maioria submetidos à vontade do marido. Nesse mesmo cenário, o casamento era tido como a única possibilidade de constituição de família. (GALVÃO, 2020, p. 1)

A família, que era caracterizada pelo casamento entre um homem e uma mulher, e seus filhos, passou a também ser definida e representada por uma instituição monoparental feminina. Essa definição é dada pela Constituição Federal de 1988, que no capítulo 7, Art. 226, diz que “entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes, bem como a união estável entre homens e mulheres” (BRASIL, 1988, p. 128).

Esse reconhecimento da monoparentalidade através da Constituição é importante para famílias representadas por mães solo que sustentam seus filhos, uma vez que este cenário é muito comum no país. Segundo Galvão (2020):

As alterações legislativas a exemplo do Estatuto da Mulher Casada (Lei nº 4.121/1962), Emenda Constitucional do Divórcio (EC 9/77) e a Lei do Divórcio (Lei 6.515/77), Constituição Federal de 1988, Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90) e o Código Civil de 2002, foram essenciais não apenas para a emancipação feminina em todos os seus aspectos, como também para o alargamento do conceito de família, sobretudo na forma de sua constituição, para além do relacionamento conjugal (GALVÃO, 2020, p.2).



Nesse contexto, a mulher chefe de família monoparental se desdobra para obter o sustento do lar, com uma jornada de trabalho redobrada. A responsabilidade de criar os filhos e enfrentar as situações cotidianas são desafiadoras, porque suprir a paternidade ausente e manter a saúde mental em dia, são obrigações, afinal, os filhos dependem delas para absolutamente tudo. Segundo Leonardo e Morais (2017):

Muitas vezes as mães cumprem o papel duplo, ou seja, também são “pais” e chefes de família, trabalham e se ausentam diariamente, ficando ausentes da vida cotidiana de seus filhos, retornando apenas à noite aos lares. De igual sorte, a família monoparental feminina constrói-se sobre esta denominação, muitas vezes, devido ao divórcio e, nesses casos, comumente não há intervenção financeira do ex-marido, competindo-as com a grande responsabilidade de lidarem com os obstáculos da vida. (LEONARDO; MORAIS, 2017, p.15).

Apesar do número significativo de lares chefiados pelas mães solo, a sociedade não está isenta de preconceitos em relação a elas. Os preconceitos e julgamentos cercam as mulheres que encaram essa árdua jornada de trabalho para conseguir o sustento digno, fazendo com que tenham uma certa dificuldade na inserção no mercado de trabalho. Trazem estigma de que não podem se dedicar integralmente ao trabalho por terem que cuidar dos filhos, fazendo com que o problema se acumule por meio de uma sobrecarga psicológica. De acordo com Galvão (2020):

A sobrecarga feminina no trabalho de cuidado foi objeto de pesquisa pelo PNAD (2018), tendo sido constatado que as mulheres que trabalham fora de casa dedicam cerca de 18,1 horas semanais às tarefas da casa, e cuidados com filhos e idosos, enquanto os homens desempregados ou inativos dedicam apenas 12 horas semanais às mesmas atividades. (GALVÃO, 2020, p.8)

Uma mãe solo carrega um preconceito histórico por não estar em um relacionamento conjugal, que atende aos padrões impostos pela sociedade. Além disso, é obrigada a trabalhar diariamente, o que acarreta menos tempo para cuidar dos filhos(as). É devido a esse contexto que a discriminação vivenciada pelas mães solo, soma-se à outras dificuldades.

Atualmente, nota-se preconceitos em relação a mães solo, com frequência denominadas por muitos como mães solteiras, como se a maternidade fosse ou estivesse relacionada ao seu estado civil. Tal termo, mãe solteira, possui um resquício do machismo e da sociedade patriarcal presente no século XX, período em que os direitos da mulher estavam submetidos à vontade do marido (Borges, 2020). Também é usual mulheres receberem os menores salários, além de terem acesso limitado aos cargos de chefia e às boas condições de qualificação profissional. (FERNANDES, 2022, p.10)



A crise pandêmica ocasionada pelo novo Coronavírus desde 2020, também foi um fator de mudanças na vida de mães solo, que sofreram sobrecargas na rotina pelo isolamento social que causou fechamento de comércios, escolas, e até mesmo perda de emprego. O impacto da pandemia no Brasil chegou a implicar em um índice de desemprego de 14,6% entre julho e setembro de 2020, quando o isolamento social e a retração da economia reduziram a oferta de postos de trabalho.

A sobrecarga psicológica também foi outro fator impactante que esteve presente na vida de mães solo no auge da pandemia, em função da suspensão das aulas presenciais das escolas e creches dos filhos. De acordo com uma pesquisa realizada em 2021 pelo Atlas Político para o jornal El País¹, 74% das mães afirmaram que o trabalho doméstico e cuidados com os filhos aumentaram por conta da suspensão das aulas presenciais.

Além da sobrecarga exaustiva com trabalho e maternidade, muitas mães também se sobrecarregam com problemas financeiros por não conseguirem emprego, bem como pela dificuldade de encontrar creches ou redes de apoio para ficar com o filho durante o expediente. Em estudo divulgado pela Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (FMCSV)², apenas 24,4% das famílias vulneráveis economicamente têm crianças de até 3 anos que frequentam creches no Brasil.

O isolamento social e o confinamento causaram uma mudança drástica na vida das mulheres, que tiveram uma responsabilidade maior por cuidar dos filhos durante a pandemia, prejudicando as atividades fora de casa, até mesmo na questão salarial. De acordo com Muller (2020):

Outra enorme e urgente dificuldade aprofundada com a pandemia foi a questão do sustento do lar. Em pesquisa realizada em maio de 2020, divulgada pelo Instituto Locomotiva, 35% das mães solo não tiveram renda suficiente para comprar alimentos e 31% não conseguiram adquirir itens de higiene. Quase 8 em cada 10 tiveram a renda familiar reduzida devido a Covid-19 e 54% já atrasaram o pagamento de contas. (MULLER, 2020)

¹ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2022-03/criancas-que-mais-precisam-de-creches-ainda-tem-pouco-acesso#:~:text=Muitas%20fam%C3%ADlias%20acabaram%20cancelando%20as,3%2C4%20milh%C3%B5es%20em%202021>

² <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2022-03/criancas-que-mais-precisam-de-creches-ainda-tem-pouco-acesso#:~:text=Muitas%20fam%C3%ADlias%20acabaram%20cancelando%20as,3%2C4%20milh%C3%B5es%20em%202021>



O Senado Federal do Brasil aprovou em março de 2022, um projeto que propõe a criação da Lei dos Direitos da Mãe Solo para ajudar financeiramente essas mulheres. Na proposta, estão incluídas as mulheres chefes e provedoras de família monoparentais. A proposta de Lei agora tramita na Câmara dos Deputados ([PC 3717/2021](#)). É importante ressaltar que, investir em programas que ajudem essas mulheres é essencial, visto que no Brasil, as políticas públicas não existem.

Ao analisarmos esse contexto da maternidade solo, é possível notar claramente a forte presença feminina na condução de criação dos filhos, e como as mães solo estão inseridas na realidade social brasileira. Portanto, é necessário analisar os desafios e preconceitos enfrentados em uma maternidade solo no Brasil para que tenha investimentos e melhorias.

2.2 PRODUTO DOCUMENTAL

O produto escolhido para abordar o cenário de mães solo foi o documentário, que se aproxima ao campo jornalístico porque ambos, jornalismo e documentário, se assemelham com o foco nos fatos e pessoas reais. Embora alguns autores e pesquisadores defendam a teoria que este gênero possui características bastante distintas do jornalismo, Bezerra (2014) explica:

Reportagens e documentários seriam a “realidade”, traduzida no recorte visual, no privilégio da informação e/ou da transmissão/reflexão unidas em uma dimensão ética e, nos melhores exemplos, numa busca estética para expressá-las. Ambos os campos colocam desde o início de suas histórias questões referentes a esse real, à representação, à objetividade, à verdade da representação – apesar de tais conceitos terem ganhado, em diversos momentos, conotações diversas. (BEZERRA, 2014, p. 27)

Bezerra (2014) também enfatiza que “ambos os termos, jornalismo e documentário, carregam por suas tradições, o compromisso de representação da realidade a partir do qual os telespectadores, leitores, cineastas, jornalistas e pesquisadores irão se relacionar”. Para ele, o documentário e o jornalismo se assemelham através de:

maneiras legítimas de se investigar a realidade – uma realidade seletiva, construída por inúmeros processos de interação social. E a relação entre documentário e jornalismo estará sempre ligada ao diálogo destes domínios com a história, ao lugar político e ético de suas formações discursivas, ao trajeto de encontro dessas narrativas com o espectador. As práticas jornalísticas e as do filme documentário estão sempre avançando em relação à tradição, envolvendo



os espectadores de formas que continuarão a instruir e agradar, comover e convencer. (BEZERRA, 2014, p. 206)

Bill Nichols (2010) parte de uma premissa de que o documentário não é uma reprodução do mundo real, mas sim uma representação de algum aspecto do contexto histórico e social no qual estamos inseridos. Esta representação é criada na forma que um argumento será apresentado ao mundo, do ponto de vista que o material irá apresentar e compor o vídeo. Sendo assim, podemos compreender que a palavra 'documentário' pode ser relativamente usada para definir um filme que aborda aspectos ligados ao real a partir de uma variedade de métodos, tendências, estilos e técnicas, ou seja, o documentário é uma forma de expressão, onde a história pode ser contada por uma representação de algo que ocorreu ou por aqueles que vivenciaram os fatos.

Nichols (2010) também ressalta que cada documentário tem uma identidade própria, ou seja, uma impressão digital. O autor também acentua que existem dois tipos de documentário:

Todo o filme é um documentário. Mesmo a mais extravagante das ficções evidencia a cultura que a produziu e reproduz a aparência das pessoas que fazem parte dela. Na verdade, poderíamos dizer que existem dois tipos de filme: (1) documentários de satisfação de desejos e (2) documentários de representação social. Cada tipo conta uma história, mas essas histórias, ou narrativas, são de espécies diferentes (NICHOLS, 2010, p.26)

Bezerra (2014) explica que documentaristas e jornalistas enfrentam duas questões. A primeira é o registro de algo que aconteceu no mundo histórico, e a segunda são as narrativas construídas a partir do que foi capturado. Em reportagens e documentários a forma de apresentação é decidida por quem produz o material, que também escolhe quais camadas de significado que formam o documentário, criando uma narrativa ou interpretação a respeito do que foi registrado.

Zandonade e Fagundes (2003) justificam que o documentário pode ser um importante gênero para mostrar acontecimentos e abordar questões sobre quais existem interesses sociais ou debates.

Em toda trajetória histórica do documentário, desde o início do século passado, os assuntos abordados no cinema ou na televisão sempre envolveram a realidade de determinados fatos ou pessoas. Com isso, reforça-se a teoria de que ele pode ser um importante instrumento para o conhecimento real dos acontecimentos, de maneira a compreender os mecanismos de construção daquela realidade. Nesse sentido destaca-se o papel da televisão e do



jornalismo, na difusão das informações pertinentes ao desenvolvimento crítico da sociedade, com o vídeo documentário. (ZANDONADE E FAGUNDES, 2003, p.62)

Nichols (2010) coloca seis modos de representação que são classificados por ele como gêneros de documentário: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. Esses gêneros determinam uma estrutura para o trabalho, representando maneiras distintas de se pensar a realidade. O modo expositivo no geral é o formato mais utilizado para definir um 'documentário', ou seja, uma espécie de forma universal.

Esse modo agrupa fragmentos do mundo histórico numa estrutura mais retórica ou argumentativa do que estética ou poética. O modo expositivo dirige-se ao espectador diretamente, com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam a história. (NICHOLS, 2010, p.142).

Nossas escolhas aproximam o produto aqui apresentado do gênero expositivo, no qual relata um acontecimento real e transmite informações, que assemelha bastante ao gênero reportagem pertencente ao universo jornalístico.



3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero que produzir o documentário “A sobrecarga da maternidade solo: mães que caminham sozinhas” foi de extrema importância por ser tema de caráter social, que precisa ser debatido e compreendido.

Os dados referentes à monoparentalidade feminina no Brasil também reforçam a importância de colocar esse assunto em discussão já que o mesmo impacta a realidade social de uma significativa parcela da população brasileira. A pandemia também foi um fator a mais, que claramente, piorou a situação das mães solo pelo isolamento social.

A maternidade solo é uma temática pouco discutida e retratada nos meios de comunicação, principalmente na área do jornalismo. Portanto, a intenção deste projeto foi colocar este tema em evidência e provocar a reflexão sobre as dificuldades das mães solo atualmente, para que a sociedade tenha mais empatia com essa realidade e venha a pensar conjuntamente em que medidas podem ser tomadas para que tenha uma evolução do contexto social que venha amenizar os desafios de ser mãe.

O documentário se sustenta por meio de relatos das fontes entrevistadas. É importante ressaltar que o trabalho visa motivar outras mulheres que vivenciam a maternidade solo a compartilharem suas próprias experiências.

A escolha do produto documentário foi desafiadora, pelo fato da maioria das etapas terem sido feitas individualmente. Mas me trouxe um crescimento pessoal enriquecedor, pois tive oportunidade de entender e aprender a cada etapa do trabalho, o que exigiu organização e foco pessoal.

A produção também me aproximou de pessoas, e proporcionou que eu me atentasse às singularidades que formam uma mãe solo, às particularidades que definem o dia a dia e as dificuldades de cada uma delas.



4.REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Crianças que mais precisam de creches ainda têm pouco acesso. Disponível em:**

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2022-03/criancas-que-mais-precisam-de-creches-ainda-tem-pouco>
[acesso#:~:text=Muitas%20fam%C3%ADlias%20acabaram%20cancelando%20as,3%20C4%20milh%C3%B5es%20em%202021](https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2022-03/criancas-que-mais-precisam-de-creches-ainda-tem-pouco)>. Acesso em: 12 de mar. 2022.

BEZERRA, Júlio. **Documentário e Jornalismo: Proposta para uma Cartografia Plural**. Rio de Janeiro: Garamond Ltda, 2014.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**.

FONTENELE, Luana. **“Mãe solteira ou mãe solo? Descubra as implicações de cada termo e conheça histórias dessa realidade.”** 25/10/2020. OITOMEIA. Disponível em: <https://www.oitomeia.com.br/noticias/2020/10/25/mae-solteira-ou-mae-solo-descubra-as-implicacoes-de-cada-termo-e-conheca-historias-dessa-realidade/> Acesso em: 15 set. 2021.

FERNANDES, Priscila da Silva. **Família monoparental feminina: desafios de ser mãe solo**. UNESP. 2022. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/234377>>. Acesso em 02 de nov. 2022.

GALVÃO, Lize. **Mãe solteira, não. Mãe solo! Considerações sobre maternidade, conjugalidade e sobrecarga feminina**. Revista Direito e Sexualidade, v. 1, p. 1-23, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revdirsex/article/download/3pdf>. Acesso em: 15 mai. 2021.

GLOBONEWS. **Mãe solo: 11,5 milhões de mães do Brasil não contam com auxílio dos pais de seus filhos**.

Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/05/16/brasil-ve-media-moveldemortes-por-covid-subir-apos-15-dias-de-queda-total-passa-de-435-mil-vitimas.ghtml>>. Acesso em: 09 jun. 2021.

GLOBONEWS. **Senado aprova projeto que cria Lei dos Direitos da Mãe Solo**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/03/08/senado-aprova-projeto-que-cria-lei-dos-direitos-da-mae>>



[solo.ghtml?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=g1](#)>. Acesso em: 08 de mar. 2022.

LEONARDO, Francisco Antônio Morilhe; MORAIS, Ana Grazielle Longo de. **Família Monoparental Feminina: A mulher como chefe de família**. Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília, Marília, Janeiro/Junho 2017. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/RIPPMAR/article/view/7386>>. Acesso em: 10 set. 2021.

MULLER, Perla. **“Ser mulher e mãe em tempos de pandemia”**. REDE PT. 2020. Disponível em: <https://redept.org/artigos/Perla-Miller/ser-mulher-e-mae-em-tempos-de-pandemia>. Acesso em: 28 out. 2022.

ONU MULHERES. **Gênero e Covid-19 na América Latina e no Caribe: dimensões de gênero na resposta**. ONU Mulheres, mar. 2020. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERESCOVID19_LAC.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.

ZANDONADE, Vanessa; FAGUNDES, Maria C. J. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social**. Monografia (Graduação) - Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, do Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis. Assis, 2003. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2021.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. 5. Ed. – LIVRO. Campinas: Papirus Editora, 2010.



APÊNDICES

Perguntas para as fontes - Ana Paula, Beatriz, Natallie e Thamily.

- 1) Conta um pouquinho da sua história, com quantos anos você se tornou mãe, como foi essa descoberta de ser mãe, foi uma gravidez planejada?
- 2) Quais foram as maiores dificuldades que você já passou desde que se descobriu grávida?
- 3) O pai do seu filho foi presente no início? Ele se tornou participativo em algum momento?
- 4) Quais foram os maiores perrengues que você já passou desde que se descobriu grávida?
- 5) A maternidade muda demais a vida de uma mulher. Quais foram as principais mudanças para você?
- 6) A partir do momento em que descobrimos que seremos mães, já nasce uma culpa. No caso de ser mãe solo essa culpa é maior? Como você lida com isso?
- 7) Você conta com uma rede de apoio que te ajuda com o seu filho? Como é a rotina de vocês?
- 8) Qual é a importância de desromantizar a maternidade, na sua opinião?




ANEXOS:



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Thamily Das Santos Rios, AUTORIZO o uso de minha imagem (sob minha responsabilidade) em fotos ou filme, sem finalidade comercial, para ser utilizada no trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de **Natália Pereira Severino**, portadora do Documento de Identidade, 53.750.092-3, acadêmica do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), com supervisão do professor orientador Dr. Silvio Costa Pereira.

31 _de _outubro de 2022


Assinatura



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Beatriz Pereira Rocha, AUTORIZO o uso de minha imagem sob minha responsabilidade) em fotos ou filme, sem finalidade comercial, para ser utilizada no trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de **Natália Pereira Severino**, portadora do Documento de Identidade, 53.750.092-3, acadêmica do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), com supervisão do professor orientador Dr Silvio Costa Pereira.

31 _de _outubro de 2022

Beatriz Pereira Rocha
Assinatura



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, *Ama Paula Mandute Netto*, AUTORIZO o uso de minha imagem sob minha responsabilidade) em fotos ou filme, sem finalidade comercial, para ser utilizada no trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de **Natália Pereira Severino**, portadora do Documento de Identidade, 53.750.092-3, acadêmica do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), com supervisão do professor orientador Dr Silvio Costa Pereira.

31 _de _outubro de 2022

Ama Paula Mandute Netto

Assinatura



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Natallie Tinoco, AUTORIZO o uso de minha imagem sob minha responsabilidade) em fotos ou filme, sem finalidade comercial, para ser utilizada no trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de **Natália Pereira Severino**, portadora do Documento de Identidade, 53.750.092-3, acadêmica do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), com supervisão do professor orientador Dr Sílvio Costa Pereira.

31 de outubro de 2022

Assinatura